

# O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.



**Preços: (com estampilha)**

Anno, 35540 réis — Semestre, 18770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

**Preços: (sem estampilha)**

Anno, 35000 réis — Semestre, 15500 réis — Trimestre, 800 réis.

PRIMEIRO ANNO

SEXTA-FEIRA 15 DE NOVEMBRO DE 1861

NUMERO 40

As ultimas noticias do Correio d'hoje e partes telegraphicas insertas nos jornaes do Porto dão el-rei o senhor D. Luiz chegado a Lisboa no dia 14 e confirmam as melhoras do senhor infante D. Augusto.

## AVEIRO

A dor publica é profunda e sincera. O rei tinha a estima do paiz. Havia afinidades intimas entre o seu caracter e o caracter nacional. Estas afinidades já tinham sido presentidas pelo povo. Estava já urdido o laço sympathico que prendia o principe á nação. O tempo havia fortalecel-o, e a governação publica de certo não padeceria por conflictos entre a coroa e o paiz.

Esta confiança estava generalisada, e na morte do rei lamenta-se tambem a perda d'um futuro bonançoso que já era seguro sem comtudo termos menores fiadores delle nas qualidades do principe, que vae succeder na coroa.

O rei ambicionava ser amado do paiz, e procurava merecer este amor por todos os meios legitimos e honestos. A sua consciencia não lhe permittia empregar outros. Nestas diligencias morreu.

Os seus estudos, as suas jornadas, as suas visitas ás provincias, todas tinham este fim. Não havia neste afan designio ambicioso: obedecia aos impulsos do seu coração, e aos estímulos da sua intelligencia. Ainda mais: considerava este proceder como uma obrigação do officio de reinar, como elle chamava á realza.

Esta só denominação, que nunca sahio outra da sua bocca para designar a alteza do seu estado, denunciava a modestia da sua indole, e a siseudeza das suas idéas. Talvez esta só palavra explique a sua vida, e advinhe o enigma da sua morte — enigma dizemos, para alludir ao transvio da dor publica, mas não para significar alguma preocupação nossa.

Não misturemos com a santa homenagem, que se deve aos mortos, com a amargura pelos golpes com que Deus nos quer provar, fuizos temerarios, supposições gratuitas, paixões ruins.

A calamidade é uma lição de virtude. A dor d'alma nasce d'um principio bom e só deve inspirar bondades. A sepultura d'um mancebo sem macula de máo feito, d'um principe purissimo em costumes, isento mesmo de venialidades politicas, é veneranda como o templo, como o altar. Neste cadaver está o poder de Deus, nas suas manifestações mais tremendas e mais edificantes.

Não se podem levar a esta estação de saudade, de e religião tributos de suspeitas e d'odios. As lagrimas que ali se verterem só devem ser acerbas, porque rebentão da dor. Nem Deus nem o defuncto aceita outras. Quem não tiver o coração limpo, arrede-se do lucto nacional e depure o sentimento antes de principiar a oração religiosa e patriótica.

Como morreu o rei? Porque morreu o rei? A paixão publica é grande e as paixões são inventivas, imaginosas, despoticas, desarrasoadas, absurdas. O sentimento pelas vidas que nos são caras cahe em desconhecer o poder dos factos e arroja-se até a negar as leis da natureza.

Não queremos que o rei morresse. Não acreditamos que o rei tenha morrido. Louca pretensão! — Vãa incredulidade!

Os medicos dirão qual nome scientifico poderam dar aos padecimentos corporaes que pozeram termo á existencia do Rei; e que elementos haveria na sua compleição phisica que apoucassem a resistencia ao mal, que o accommetteu.

Esta sentença deve aquietar todos os animos e persuadir o paiz á resignação.

Mas se o sentimento publico quer descortiar causas malevolas, maquinações tenebrosas na morte do Rei, — se se quer des-

considerar os imprescrutaveis decretos da Providencia para substituir a pensamentos d'humildade concepções peccaminosas, — se se obstina em não emputar este triste acontecimento ás suas causas naturaes, não nos será permittido investigar se os acontecimentos da vida do rei, e a sua composição moral concorreram muito para apressar o fim dos seus dias?

A consciencia timida do rei, a exaggeração dos seus escrupulos, os seus desejos de completa perfeição na vida privada e na vida politica, as suas aturadas occupaões, os seus infortunios domesticos tinham gasto as suas forças e acabrunhado o seu espirito.

Pouco expansivo no tracto, com um viver recolhido, com o espirito continuamente preso a idéas determinadas, sempre mal contente dos negocios publicos, impossibilitado pela sua lealdade constitucional de metter nelles a mão mais profundamente, confiando talvez que o poderia fazer com utilidade publica, deixou-se consumir e ralar desta complicação d'embaraços, d'aspirações, impossibilidades, e conveniencias.

A apprehensão continuada sobre as difficuldades do seu cargo politico aggravada em cada occorrença mais grave, pelo receio não saber bem della, tinha levado o seu espirito a considerar a arte de governar nos termos d'um problema scientifico, que o trazia sempre occupado. Os espinhos da sua situação não só o pungiam, mas eram o objecto das suas meditações, e todas as suas faculdades carregavam com o duplicado trabalho de resolver os negocios occorrentes e d'investigar, porque modos e com que maximas um rei podia fazer a felicidade dos seus povos, sendo estimado dos contemporaneos, e admirado dos vindouros.

O rei passava só largas horas no seu gabinete. Só, não dizemos bem, que o acompanhavam de continuo a consciencia e a historia. Sobresaltado por uma, e estremecendo da outra o seu espirito luctava n'um mar d'incertezas, e depois de muito trabalhar, nem acabava satisfeito dos expdientes que se lhe antolhavam, nem das soluções doutrinaes que lhe vinham á mente.

Correndo pelo sentido os casos da sua curta e tormentosa vida não achava nestas recordações com que robustecer o seu animo, nem onde repousar o espirito da sua agitação interior.

Rei muito antes da epocha em que o seu amor filial lhe consentia desejar-o, em que a sua siseudeza lhe permittia aceitar a coroa com confiança de bem preparado para os encargos d'elle; viuvo na idade em que a maior parte dos homens não tem ainda escolhido esposa, e no momento em que o seu coração começava a gostar os prazeres de vida conjugal, não havia bem que lhe não viesse do mal, nem ventura que a fortuna lhe não roubasse.

Ferido nos seus affectos intimos, mortificado de desastres, as epidemias parece que esperavam a sua ascensão ao throno para assaltarem o povo. Perseguiu-o a infelicidade como rei e como homem. Dizer-se-hia que a morte estava apostada a trazer-lhe sempre deante dos olhos o seu horror, e este sestro havia de pezar-lhe no coração como um presagio.

Infelizmente as qualidades do rei careciam d'aquelle equilibrio que contrapeza os males com os bens da vida. Nos raros gosos que a sua sorte mesquinha lhe consentiu, sentia sempre o amargo essencial que ha ainda nos affectos mais gratos da vida. Por outro lado o pesar para elle era estreme: não levava em si nenhum lenitivo. O seu espirito não comprehendia as attenuações naturaes de todo o infortunio, nem o seu coração era feito para conhecer a alegria da desgraça.

A expressão será temeraria, ou infeliz; mas ha nas mais densas cerrações d'alma uma luz embora tenue, que rasga a escu-

ridão, e que nos deixa enxergar ao longe horizontes menos carregados, e ás vezes até risonhos. Para alem destes horizontes estancem as consolações humanas, tão variadas e efficazes como são numerosos e terriveis os males da vida. Mas o rei não respirava as auras d'aquella região. Não sabia consolar-se, e fulto d'este auxilio indispensavel nos tormentos do mundo descahiu na superstição do infortunio. Julgou-se votado a elle e curvou-se a sua sorte.

Morreu a rainha D. Maria II. O seu reinado tinha sido fertil em discordias civis. Não se assombrava ella de crear inimisades, nem nunca se apartou dos seus propositos pelo reccio de desagrado publico. A noticia da sua morte todo o paiz mostrou a mais profunda tristeza.

Não tinham esquecido as calamidades do seu governo, nem por ventura cessado os ressentimentos dos seus adversarios, que teve muitos, e nunca lhe importou contal-os. Mas o sentimento do paiz nesta dolorosa conjunctura participando dos affectos proprios em casos de morte, tinha outra composição e quilates.

Chorou-se a mãe e o pranto d'então ainda foi intercotado pelos gritos da guerra em que seu pae pelejara pela liberdade. O feretro da rainha teve por ornatos os emblemas bellicosos da nossa grande luta civil. O partido liberal apresentou-se naquelle pompa funebre com a tez guerreira e com ademanes de vencedor. A rainha fôra sobre o throno a primeira representante da grande victoria liberal e o symbolo da transformação social que por virtude dessa victoria se operou. A regencia de seu pae ainda foi a revolução. A liberdade como direito estabelecido datava do reinado da rainha defuncta.

A dor publica d'então foi uma solemne homenagem historica, e um respeitoso tributo de consideração pela memoria d'uma mulher forte e d'uma rainha que nunca se deixará arrastar do seu caracter voluntarioso até faltar ao principio a que devia o throno.

Agora chora-se o filho e estas lagrimas são outras. Chora-se uma alma pura, uma intelligencia esclarecida, um homem todo votado ao bem, um principe temente á lei, um coração bondoso, e um rei liberal. Dizemol-o assim com affouteza porque D. Pedro 5.º estava convieto das doutrinas constitucionaes, reconhecia o progresso como o fim e o dever da humanidade, entendia que a auctoridade real tinha limites demarcados pelos direitos do povo, e que para os governos não havia outra base senão a convenção social, nem outra defeza senão o bem commum.

D. Pedro V simples cidadão, eleitor, deputado ou ministro, na urna, no conselho ou na tribuna seria sempre pelos principios da liberdade e da civilização. Ora os principios são uma garantia preciosa, e um rei que os tem, os bebeu no seu proprio estudo e os censubstanciou com o seu caracter é por isto só um grande homem e um palladio nacional. Seguro este unico predicado não vale a pena notar se d'envolta com elle havia defeitos d'ordem subalterna, que a experiencia viria a corrigir.

Uma gloria suprema assignalou o reinado de D. Pedro 5.º, uma gloria, que a philosophia social hade registrar como um triumpho, a humanidade celebrar como uma honra, e a historia apontar como um exemplo. D. Pedro V não assignou uma só sentença de morte, e não assignava nenhuma. Disse-o a um de seus ministros, tão bondoso como elle, ao apresentar-lhe um processo em que aquella pena vinha imposta. O rei defuncto julgava, que o cadafalso era mais ignominioso para a sociedade do que para os criminosos; que a pena de morte era degradação moral da auctoridade publica; que o carrasco era um professor publico de assassinatios e crueldade; que as execuções eram uma barbaridade inutil, e o sangue das

victimas um insulto feito a Deus, e um processo aberto á governação humana.

Este respeito pela vida do homem, adoptado como dogma, e observado como dever, encerra toda a doutrina liberal, e leva logicamente ás mais latas e generosas applicações della. Bastava esta continencia governativa do rei, esta firmeza n'um principio de tão alta justiça e humanidade para lhe dar um logar distincto entre os principes da sua epocha, e para lhe abrir os corações de todos os portuguezes, que detestão o sangue, os flagicios, e as oppressões, e que aspiram á gloria santa do amor, da benevolencia e da brandura, confiando na virtude d'estes meios para a realisação de todas as aspirações sociais, e entendendo que todas as transformações do mundo moral se podem fazer com elles e por elles.

Morreu o rei! O zelo cortezão depôr a instituição real a cima mesmo da lei da morte, a conveniencia de não admittir pelo menos em doutrina a interrupção do governo do estado, e de conservar para todas as eventualidades activa, e tensa a auctoridade publica, fez inventar o aforismo juridico e politico, — de que o rei nunca morre.

Se tal ficção de direito era admittida e seguida nos governos absolutos, nos governos constitucionaes tem ella toda a verdade possivel, e a elles é mais propriamente applicada.

Morreu o rei! Não morreu com elle a memoria do seu caracter politico, nem dos bons exemplos do seu reinado; — Ajuntemos cuidadosamente todas as suas virtudes e qualidades, e teçamos com ellas a coroa mortuaria que o povo lhe haja d'offerter. Conservemos esta coroa como prenda de saudade para nós, e uma instrucção de reinar para seus successores.

Morreu o rei! Mas os poderes que lhe pertenciam e o encargo que lh'incumbia tem mandatarios previamente designados. O governo legal está sempre organizado e composto. E para a vida e para a morte está precípua e inteira a auctoridade nacional donde todas as demais se derivam e onde todas se confundem. Neste sentido o rei não morreu porque a nação está viva.

Apartamo-nos por um pouco do mausoleu do finado. O dever civico manda que abafemos a dor, e que rejámos o coração. Voltemos os olhos para o novo throno. Alli, junto a elle, em volta delle é o posto da nação, é o acampamento de todos os liberaes. Cerquemos o joven principe das nossas sympathias e da nossa dedicação. Ajudemol-o na governação publica, chamando sobre elle o favor da opinião e apontando-lhe os perigos de a desconhecer e affrontar.

Para bem cumprir este dever constitucional e patriótico é mister conservar mais do que nunca a lythurgia liberal e a dignidade civica. Não nos acerquemos do novo throno como gente espavorida pelo infortunio, e rendida aos seus golpes. Não nos acerquemos do novo throno como um chusma de carpideiras, querendo cada um fazer sobresahir a sua voz sentida neste côro funerario. Não nos acerquemos do novo throno sem regularmos a nossa apresentação, e medirmos as nossas homenagens.

Vamos em attitude constitucional, na formatura do systema representativo. Esta attitude e esta formatura consiste na divisão das opiniões e dos partidos cada um com os symbolos da sua fé, com a bandeira das suas aspirações.

Esta milicia que o tempo tem consagrado, e em que tem militado e morrido tanto homem illustre e a guarda da liberdade. Sem ella os foros populares não tem defesa e a coroa mesmo não tem apoio.

Morreu o sr. Duque de Saldanha. Era um valente soldado, experimentado general e homem liberal. He mais uma perda que temos a deplorar.

Preterindo todos os outros assumptos, limitamo-nos hoje a transcrever os artigos com: que alguns dos nossos collegas da imprensa commemoraram a infausta perda, que Portugal acaba de experimentar.

Em quanto o sentimento é tão vivo e profundo, seriam mal cabidas todas as considerações que, extranhas a elle, nos permitissemos neste momento solemne.

Deve ter tregoa a politica, e as dissidencias partidarias, que nos separam, ser sopitadas quando a perda commum do paiz nos chama a todos, como irmãos e filhos do mesmo solo, em volta do throno coberto de crepe.

Um momento tambem devemos deslembrar esses interesses materiaes, que tanto nos preocupam, em quanto um feretro descerrado nos está ensinando o nada das cousas mundanas, e o termo de todas as nossas sonhadas grandezas.

Em quanto os despojos do senhor D. Pedro V se não asylarem no recincho mortuario, sua ultima morada, não deve pensamento extranho descorar a vehemente saudade que o seu passamento causou a toda a nação portugueza.

#### Do Commercio do Porto.

A nação portugueza envolve hoje a fronte no véu triste de uma immensa mágoa!

O throno portuguez está coberto de luto!

Morreu El-Rei o senhor D. Pedro V!..

Este tristissimo acontecimento derrama geral consternação.

Na dôr commum de tamanha perda cada um disputa o direito de a soffrer mais forte e mais funda, do mesmo modo, que ha pouco mais de dous mezes, disputava lugar para vêr e rodear de manifestações de affecto o Rei, então cheio de vida e mocidade, e já hoje envolto nas sombras eternas da morte!

E sobram motivos para tanta mágoa.

O senhor D. Pedro V teve n'uma curta vida de 24 annos uma longa historia toda cheia do brilho que reluz nos mais elevados e generosos sentimentos, nas grandes e nobres acções!

Antepunha as virtudes do coração aos orgulhos da soberania.

Isento de toda a mancha e puro de todo o mau pensamento, no throno fazia resplandecer o grande exemplo da caridade em tudo e para todos.

Era reverbero de sua alma bondosa e thesouro de grandes virtudes, o seu semblante sério e meditabundo, em que lhe transluzia a reflexão do pensamento!

Amigo do paiz quem como elle o sabia ser?

Por duas vezes o vimos largar os commodos da côrte e correr pressuroso ao meio das festas do trabalho, para dar a este incitamento e nobre estimulo,—mostrando quanto lhe era grato respirar no meio do povo o ar de contentamento que a sua presença inspirava!..

E com que empenho generoso procurava distribuir o pão do espirito, creando e sustentando escholae exercitando estimulos, com premios que pessoalmente dava!

O mal dos que soffriam doia-lhe no coração como seu proprio.

Quando uma terrível e mortifera epidemia, espalhando a morte por todos os angulos da capital, aterrava e amedrontava os mais affoutos e corajosos, o senhor D. Pedro V, forte pela virtude de um sentimento elevado, inspirado pela ideia de uma missão providencial, animava com o seu animo, levava consolações e seccorros a todos, e, verdadeiro Rei no meio dos hospitaes apinhados de enfermos, parecia que á mesma morte impunha respeito com a grandeza da sua alma!

A medalha d'ouro que a Real Sociedade Humanitaria do Porto lhe conferiu, raro se dará assim merecida!

Quem o viu nos hospitaes prodigalizando beneficios e palayras compassivas aos enfermos;— nos asylos ameigando as creanças e fallando bondades aos pobres;— por toda a parte condocendo-se á voz do infortunio... admirava, em tão grande exemplo, como a magestade do Rei pôde prender, com os respetos que lhe são devidos, o amor e sympathias que a realza da virtude captiva!

E não fez Deus feliz quem tanto merecia ser venturoso!

Filho — viu cedo morrer sua mãe e cingiu a corôa, orvalhando-a com as lagrimas da orphandade!

Esposo — viu logo trocadas as galas nupcias pelos lutos da viuvez!

Irmão — chegou ainda a vêr morto o irmão, que tão grande parte tinha no culto de puros affectos do seu sanctuario de familia!

Foi o ultimo golpe, e tão fundo foi, que não pôde resistir-lhe! O senhor D. Pedro V morreu!..

As mágoas que lá vão dentro do Paço real nem nós as poderiamos contar, nem são para contar-se!..

Ha alli um pai, com o coração dilacerado pela dôr, chorando a morte de dous filhos caros, com lagrimas que correm sobre as ainda mal enxutas, que lhe custára a separação de uma filha, a quem queria muito, porque lhe queria com amor de pai extremo!

Agora chora a separação eterna de dous filhos, nas convulsões afflictivas de receio, que um novo e profundo golpe venha juntarse aos que tão cruelmente lhe doem!..

As lagrimas de um pai, que chora os filhos, á beira de dous tumulos, juntam-se as d'um povo todo, que chora o seu Rei!

E um Rei como D. Pedro V é bem para ser chorado!..

#### Lê-se no *Diario do Povo*:

Suspensas as discussões da politica, interrompidas as transacções da industria e do commercio, lançados a um esquecimento completo todos os interesses da vida ordinaria, fechados os pretorios, os estabelecimentos mercantils, as assembleas e os salões publicos, abram-se de par em par as portas dos templos e das capellas, corram-se as cortinas do sanctuario, dê-se nos carrilhões o rebato do lucto, arvore-se a cruz do Salvador entre os cyrios sacrosantos e despertem-se os eccos do religioso recincho com os clamores de uma amargura entranhavel!

Vêdes vós essa urna funeraria, que repousa sobre as lageas do pavimento, entre funebres crepes e cercada de melancholicos emblemas?

Um cadaver repousa dentro.

Que cadaver é esse?

Reparai. Os signaes d'uma viçosa juventude se divisam com bem clareza n'esse cadaver. A face está gelada e fria, mas á volta d'elle pendem os aneis do cabelo louro, como os festões de flores á volta d'um arbusto sem vida.

Os olhos estão vidrados, mas ainda se revê nelles o fogo dos espiritos juvenis. A tez, o semblante, e as mãos estão hirtas e côr da mais pura neve, mas a ausencia de rugas, a morbidez das apparencias e o mimoso d'essas formas delicadas dizem bem alto que os dias da velhice ainda não tinham chegado para o que ali repouza.

Quem é elle? quem é elle?

O desengano sempre havia de chegar, e enfim sempre tinhamos de reconhecer o defunto! As insignias vivas da realza innata estão gravadas nesse bello semblante.

E' o typo da casa de Bragança! E' o filho dos nossos Reis! é o nosso Monarcha! Mas... como pode elle ser o nosso Monarcha, se ha apenas um quarto de hora que o vimos sorrir-se aos applausos do nosso enthusiasmo, passando em triumpho pelo meio das multidões ebrias de jubilo e de alegria? Como é possivel que meia duzia de semanas convertessem o Mancebo formoso, robusto e opulento de chymericas esperanças no cadaver gelado e privado de movimento, que vac descer á terra para ser pasto dos vermes e sustento da vida vegetativa para as plantas funebres?

Como se poderá acreditar que o Neto Illustre do Fundador da Constitucionalidade Portugueza, o Filho primogenito de D. Maria II, o Magestoso Pedro V, que vimos hontem assentado no throno da sua realza, empunhando o sceptro de Afonso Henriques e D. João I, com a tranquillidade magestosa dos seus dignos antepassados, jaza agora inanimado e frio entre as quatro taboas d'um atahude, illudindo as esperanças de um povo inteiro e a expectativa de toda a Europa, inutilizando as sollicitudes de uma grande mãe, frustrando quasi cinco lustros de dedicacão, de extremos e de carinhos, com que uma nação generosa o bem-fadara?

Não. E' impossivel. D. Pedro V não falleceu. Quizeram enganar-nos. Quizeram metter á prova a antiga e famosa fidelidade dos habitantes do Porto. Para que o Monarcha fallecesse, para que nós acreditassemos na fatal noticia, que nos transmittem, seria necessario que a fizessem acompanhar de extraordinarios accidentes, e que por appendice lhe ajuntassem as mais terriveis particularisações. Seria necessario que nos fallssem na repentina subversão dos estares d'El-Rei, n'uma machina infernal, n'um tiro de pistola, n'uma punhalada, na propinacão d'um toxico. Seria necessario que nos dissessem, cheios de susto e de inquietação, que Sua Magestade exhalou a vida envolto em rios de seu proprio sangue, ou que os inimigos da patria, do homem e de Deus, os carrascos vis e infamissimos da virtude, da grandesa e da dignidade humana, os satanazes, cuja alma lodacente adomina quanto é grande, bom é bello n'este mundo, se atreveram a envenenar o Primogenito de D. Maria. Amor dos portuguezes e esperança das gerações contemporaneas.

Mas as participações officaes não plausibilizam a admissão d'estas hypoteses, por

que o seu silencio é completo e transmittindo ao povo noticia sobre noticia fazem-no com um laconismo verdadeiramente assustador. Não se aponta um grande facinora, que fosse cravar um punhal agudo no regio coração do soberano.

Não se faz com voz lamentavel a narrativa d'algum desastroso acontecimento, que originasse graves consequencias.

Não se denuncia o criminoso desabusado, o réo sem nome, que foi lançar na taça real o veneno, que dilaceraria, entranha por entranha, o interior da Monarcha.

Não se faz nada d'isto. Dizem-nos vaga, laconica e fugitivamente, que a Magestade de D. Pedro V cahiu do throno com a face em terra. Mas se nós o vimos hontem ainda robusto e cheio de vida?

Mas se elle mesmo passou ha instantes por entre nós?!

Mas se nós mesmo o saudamos ha um pouco?! Como acreditaremos a eventualidade d'um fallecimento tam repentino?!

Ah! que já não nos resta agora o recurso da duvida! Mais veridica, mais eloquentemente veridica que todas as vezes humanas é essa Urna, onde repousam os restos do que foi D. Pedro V, Rei de Portugal. Elle morreu. Não pode haver duvida. O seu cadaver o attesta e á vista d'esse cadaver todas as parplexidades, todas as hesitações se desvanecem como as de S. Thomé perante as cicatrizes do Salvador. Não ha meio de escaparmos á immensa afflictão, que produz o fallecimento d'um tal Personagem, contemplando esses restos mortaes, depoços d'uma existencia grande — mas hoje aniquilada!

E' por isso, que nós mandamos abrir de par em par as portas dos religiosos sauctuarios e accenderem-se á volta da cruz os cyrios sacrosantos. Quando depois da jornada de Alcaacer-kibir chegou ao reino a noticia do desbarate do exercito portuguez, da mortandade da fidalguia e da morte provavel do moço, neto de D. Catharina d'Áustria, as egrejas se atulharam de gente, os oratorios, capellas e ermidas eram o asylo ordinario dos orphãos, das viuvas e dos desvalidos de toda a casta, que andavam vagabundos pelas ruas das povoações, chamando os fallecidos. Nós somos netos dessas gerações heroicas. Corre-nos nas veias o sangue portuguez de ha dous seculos — e a nossa perda foi comparavel á dos nossos ascendentes. Porque se elles perderam um rei mancebo, generoso, e esperançoso, não era o nosso Pedro V de qualidades menos bellas, nem era menos mancebo e generoso. D. Sebastião morria com a espada em punho por uma ideia grande, mas temeraria, e para assim dizer já levava do reino comsigo a morte.

Pedro V morre cheio de ricas esperanças e aguardado como um heroe do futuro, heroe pelo tracto urbanissimo e não pelas glorias do campo da batalha, heroe pela severidade dos costumes e não pelo aventureiro d'uma vida dissipada, heroe pela intelligencia, pelo saber, pelos conhecimentos, pela prudencia, pela penetração, pela sympathia, pela popularidade, e não pelo phantastico e desvirado d'uma desregrada e tempestuosa juventude. D. Sebastião morria lá no Estreito; Pedro V morre-nos no regaço. D. Sebastião succumbia, isolado, d'uma morte tão obscura, que chegou a ser provavel; Pedro V morre-nos diante dos olhos, e... ó infortunio! ó magua! ó catastrophe, que os vindouros não acreditarão, quando a lêrem na historia, assim como os portuguezes velhos nunca a poderiam imaginar! — um irmão querido o precede na verda da morte, e em quanto elle mesmo se metamorphosêa n'um gelado e disforme cadaver, outro de seus augustos irmãos agonisa no leito proximo do seu!

Corramos aos braços da religião, que para estes lances se levantam os templos e se constrem os sanctuarios.

Oremos pelo descanso eterno d'aquella alma formosissima, que já do berço viera bafejada pelos ventos da graça e que não era feita para existir aqui embaixo, mómente na atmospheria da realza, onde as tentações martyrisam a virtude, onde o ruido espanta a sciencia, e onde a vitalidade das creanças se desvanecê. Recommendemos a Deus, com a sublime resignação do catholicismo despreocupado, a alma do defunto, e corroboremos a nossa fé interna, a nossa esperança entranhavel na bondade de Deus e na immortalidade do nosso espirito, exorando constrictos aquella e recolhendo-nos a cogitar nesta, com devoção.

Moderando agora o nosso enthusiasmo religioso e voltando os olhos dos gravissimos interesses da alma e da existencia ultra-tumular para as circumstancias especiaes, em que nos achamos collocados, um raio de admiracão nos penetra até ao âmago da nossa intimidade, cahimos debruçados sobre a campa do Augusto e gloriosissimo Defunto e brados irrefletidos nos perempem da bocca, os quaes, se não são eloquentes, são pelo menos espontaneos e sinceros:

Nós vos saudamos, ó sombra megestosa e resplandecente do nosso Rei! nós vos dirigimos um grito de saudação e de enthusiasmo, oh Senhor — porque vós ereis bom, porque vós ereis sabio, porque vós ereis grande! Ceddo, oh real Neto do Duque de Bragança, descestes a dormir na terra o ultimo somno; ereis ainda demasiado joven para morrer; ainda não tinheis chegado á virilidade — e todavia, oh senhor, nós vos asseguramos que os dias felizes do vosso curto reinado serão gloriosamente registrados nas paginas da historia portugueza, porque nunca viveu monarcha d'uma administração mais pacifica, nem mais unanimemente applaudida pela grande voz do povo!

Em quanto vós estivesseis assentado no throno, as revoluções não bramiram, o sangue humano jámais regou a terra portugueza, e a civilisação da vossa monarchia deu passos agigantados. A liberdade, que nós vemos ao vosso augusto avô, tomou um novo desenvolvimento e fez-nos abençoar os dias gloriosos da Restauração. Era pois a mesma liberdade, de quem vós ereis para nós um symbolo, era ella, que em vós amavamos, era ella, que em vós choramos!

Liberdade quer dizer mocidade — e vós ereis moço. Liberdade quer dizer sciencia — e vós ereis sabio. Liberdade quer dizer sympathia — e vós ereis um anjo de paz, d'amor e sympathia. Salve, ó sombra intemerata, que disfructas n'outra existencia superior as prodigas liberalidades da Intelligencia Divina!

Salve, ó sombra do nosso rei, que nos recordas os bellos mas curtos dias d'um reinado, que viu florescer a paz, crescer a industria, adiantar-se a civilisação, desenvolver-se o constitucionalismo, sem que se derramasse uma só gota de sangue, sem que se fizesse o sacrificio de uma só vida! Augusta sombra; salve! trez veses salve!

#### Da «Revolução»

A nação retoma o luto que tem sido o seu traje ordinario ha uns poucos de annos. A gala dura momentos, a tristeza é permanente.

S. M. el-rei morreu esta noute pela volta das 7 horas e meia. O anjo da morte não se tem arredado da habitacão dos principes como se fosse necessario avisar que eram eguaes aos outros homens aquelles que nunca os consideraram senão como irmãos.

Não é a grandeza que inspira as geraes sympathias, é o infortunio não merecido, é a idade das esperanças, das doces illusões da vida, a idade da innocencia e da virtude onde não tem havido sequer motivo para averção, e onde sobram razões para o amor.

Inclinemo-nos diante do tumulo do moço rei, que se é mortal na desgraça é anjo na innocencia.

#### REFLEXIONEMOS.

Quando um grande e inexperado infortunio cahe sobre um povo, ou sobre uma familia, ha sempre espiritos tímidos e supersticiosos que se recusam a aceitar-o como natural, e procuram em factos d'uma ordem extraordinaria a explicação do que não passa d'accidentes, menos vulgares de certo nas suas combinações,mas procedidos das causas mais ordinarias e communs.

Espiritos assim nem sequer são uma excepção; são talvez a regra geral por que raras apparecem as organizações que cortam de prompto por todos os preconceitos, e avaliam despreocupadamente, e do alto de uma exclarecida razão, os acontecimentos que abrutamento senhoream o espirito e ferem o coração.

No primeiro momento, a maioria rende preito a essa condição da humana fraqueza; e é para notar que a preoccupação é tanto mais viva, instantanea, e obstinada, quanto é maior o interesse que o facto, ou a successão de factos, despertou no nosso animo, e quanto é mais pungente o espinho que na alma sentimos.

O fallecimento precoce e inopinado do senhor D. Pedro V, precedido do do senhor infante D. Fernando, e acompanhado da perigosa enfermidade, da qual se acha ainda pendente a vida do senhor infante D. Augusto, tem suggerido preoccupações deste genero no animo de muitos.

Não é só a gente rude e boçal, que tendo, como os mais instruidos, coração para sentir, não tem como elles a intelligencia desinvolvida para apreciar os acontecimentos, que excedem um pouco a orbita ordinaria; aquelles mesmos a quem o privilegio da intelligencia offerece um mais vasto horizonte, não tem podido apartar do seu espirito suspeitas de que causas latentes e criminosas originaram e promoveram os acontecimentos, que todos deploramos.

E' uma preoccupação geral, não reflectida mas tenas, que no animo do povo tem assumido até um caracter de perigosa exaltação; que se espalha subitamente, e como pela communicacão electrica do instincto, em todas as povoações, á proporção que se

vac propagando a fatal nova. Procuram-se os auctores de tão nefando crime, de tão sacrilego commettimento, e a cada um se lhe afigura vel-os no grupp que é mais adverso ás suas ideias.

E haverá realmente fundamento razoavel para suspeitar que não fosse um acontecimento ordinario, commum a todas as existencias, o fallecimento dos augustos principes?

Não ha. Desfaça-se a preocupação publica. Exclarea o raciocinio essa suspeitosa incertesa em que, nos primeiros momentos de irreflexão, a dor nos collocou a todos, porque todos talvez fomos victimas della. A morte não foi provocada a entrar no alcaçar real. Não: mil vezes não.

Mas quem haviam de ser os auctores desse monstruoso attentado, desse crime sem nome, que enlutou uma nação inteira? Procuremos-os tambem nós. Vejamos primeiro, em que partido, em que bando, em que facção, em que corrilho os havemos de procurar? Qual de vós quer tel-os do seu lado, e commungar com elles no mesmo gremio?

Supponos que todos repellam com horror a ideia de compartilharem a responsabilidade moral da suspeita. Ninguém quer que ella manche o seu credo politico. Onde procurarmos pois a origem, e os indicios do crime?

Sejam rasoaveis. Nenhum partido, nenhuma facção se podia enxovalhar tomando parte nelle. A todos prejudicava, e a nenhum aproveitava. D. Pedro V era um soberano amado de todos os seus subditos, e no qual todos depunham uma esperança. Os proprios, que nobres e antigos affectos chamam a outros cultos, presavam-no como homem, respeitavam-no como principe, e como rei esperavam delle a prosperidade social do seu paiz, e a continuação da tolerancia politica, que dava folego a todas as opiniões.

Havia quem sonhasse ou premeditasse a morte do rei? Mentira. Em Portugal nunca houve regicidas. Deposemos reis, mas nunca os assassinamos. A nossa historia está limpa d'essas nodosas infamantes. Se um louco grita insanias pelas ruas, merece apenas o desprezo. A opinião castiga-o assim, e elle foge espavorido renegando o que disse, no meio dos apupos que o perseguem. E—note-se—para a propinação d'um toxico não basta a mesma coragem com que um tresloucado á esquina d'uma rua, dispara uma pistola; é necessario um vasto plano habil e sagazmente urdido.

Para que havemos de envolver extranhos n'aquillo de que nós todos nos achamos incapazes? Meditemos bem, e vejamos o interesse que d'ahi podia resultar, a extensa lista de crimes que, quando podesse aproveitar, devia seguir-se, as consequencias moraes e logicas desses crimes dentro e fora do paiz, e depois de vencidas todas essas difficuldades, e amontoados cadaveres sobre cadaveres, quantos obstaculos era ainda preciso superar para realizar esse nefasto, longinquo e absurdissimo plano!

Por outro lado, não temos nós visto exemplos de ignaes calamidades com os mesmos symptomas, e com o mesmo caracter surpreendente, em familias, cuja obscuridade não dá logar á suspeita? Não sabemos nós todos, extranhos á sciencia, que a enfermidade que invadiu os paços do rei, assume muitas vezes essas proporções epidemicas, que amortalham familias inteiras?

Um momento de reflexão afugenta todas essas duvidas, e suspeitas afflictivas. A razão, um instante indecisa, repelle todas as preocupações que a apparencia sinistra dos acontecimentos lhe impoz.

E' preciso porem que nós todos assim o façamos considerar ao povo, e em geral áquelles que mais demorados nos seus raciocinios conservem a impressão do momento. Convem que todas se desenganem, e que todas as preocupações se desfaçam.

Na imprensa pensam como nós os órgãos de todos partidos, e delles extractamos os artigos que se seguem, e que partindo de campos tão oppostos, corroboraram todavia a nossa opinião.

A. P.

Vejá o que diz o *Portuguez*:

«Não deve o povo dar ouvidos a boatos sem senso commum. O que se tem espalhado sobre propinação de veneno a El-Rei o senhor D. Pedro V e aos senhores infantes D. Augusto e D. Fernando, por occasião da sua viagem ao Alemtejo, é uma cousa sem fundamento.

A autopsia feita ao finado principe o senhor D. Fernando, dá a conhecer que sua alteza succumbiu á gravissima enfermidade de febre maligna, que o accommetta. A autopsia que se vae fazer ao cadaver do senhor D. Pedro V, ha de necessariamente desvanecer todos esses boatos, que tem corrido.»

Agora o que diz a *Nação*:

«Parece que as enfermidades que affligem a augusta familia do chefe do estado, assim como as consequencias funestas que ellas tem

tido e que se receiam ainda, deram origem a algumas suspeitas de envenenamento.

Entendemos que taes suspeitas são inteiramente infundadas, e quando os acontecimentos se podem explicar de um modo natural, não sabemos para que se lhes ha de procurar uma explicação forçada e inverosimil.

A Providencia dispõe dos principes como dos outros homens; a enfermidade e a morte não os respeita mais que aos seus semelhantes; e quando o facto é tão commum, e quando, alem d'isso, nas presentes circunstancias, não ha nada que possa razoavelmente auctorisar a desconfiança de attentado, havendo, pelo contrario, nas causas conhecidas de Deus com que explicar o successo, julgamos que se não deve recorrer a outras, nem acreditar accusações injustas.»

Ouçamos ainda a *Revolução*:

«Alguem que sente talvez mas que não pensa, porque a dor mesmo por forte que é lhe tira a razão, tem levantado suspeitas sobre a origem da molestia e arguido innocentes. A suspeita infundada de uns converte-se logo em certeza para outros, e desse erro nasce uma opinião falsa que é necessario ter a coragem de combater e refutar.

Não ha culpados nesta grande desgraça. Toda a suspeita é uma injustiça, toda a affirmação uma calumnia.

Tem chegado ao paço noticia deste falso juizo, e dizem-nos que tem causado alli profunda sensação, porque se a familia real sente o seu grande infortunio, ainda sente mais os agravos e injustiças que por causa delle se possam fazer a outrem.

E' pois em nome d'uma grande dor, e d'uma imparcial justiça que pedimos se desvançam suspeiças infundadas que podem agravar os males presentes que já são de summa gravidade.»

Terminamos pelo que se lê na *Opinião*, órgão official do governo:

«No supplemento que hoje publicamos, já tivemos occasião de nos referirmos aos boatos infundados, que tem circulado na capital.

A's palavras que então dissémos, poucas mais acrescentaremos agora.

O povo portuguez, que gosa da mais justificada reputação de sensatez e cordura, não quererá, por certo, deixar-se desvaivar por boatos absurdos, nem desmentir o seu bom senso proverbial, nesta conjunctura extraordinaria.

Deplorando, pois, que se espalhassem noticias inexactas sobre as causas da enfermidade d'el-rei o senhor D. Pedro V., e tendo todo a convicção de que taes supposições podem originar-se d'um sentimento de affecto pela augusta pessoa do fallecido monarcha, esperámos e crêmos firmemente que o bom senso publico será de todo o ponto superior a semelhantes boatos.

A sciencia contribuirá tambem para dissipar completamente apprehensões, que a boa reflexão bastaria para condemnar, esclarecendo por sua parte o espirito publico sobre a origem e fataes progressos da enfermidade, com que luctou quanto humanamente lhe era permitido.»

Por um despacho telegraphico do nosso ministro em Londres publicado no «Diario» d'hoje consta que El-Rei o senhor D. Luiz I, embarcou em Southampton no dia 9 do corrente depois das duas horas da tarde.

#### ACTOS OFFICIAES.

Exaqui os documentos officiaes extrahidos do *Diario* de hoje que referem como foi conferida a regencia do reino ao senhor D. Fernando e por elle accete.

Aos 11 dias do mez de novembro do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1861, o conselho d'estado reunido no paço das Necessidades, sendo-lhe communicada a infausta e sentidissima noticia do fallecimento d'El-Rei o senhor D. Pedro V, foi admittido á real camara, e beijou a augusta mão de S. M. El-Rei defunto.

O conselho, attendendo a que, na crise em que se acha o paiz por tão fatal acontecimento, era de absoluta necessidade e conveniencia publica o providenciar de maneira que não haja a menor interrupção da acção governativa, e a que, não havendo expressa disposição na Carta Constitucional para o infausto caso que se apresenta, todas as razões d'estado aconselhavam que fosse convidado El-Rei o senhor D. Fernando para assumir a regencia do reino até á proxima chegada de S. M. El-Rei o senhor D. Luiz I; o conselho levou o exposto á presença d'aquelle augustos senhor, e S. M. logo ali declarou que passava a exercer a regencia do reino, visto que assim o reclamava a causa publica, prestando o competente juramento por sua proclamação da data de hoje. E mais declarou S. M. El-Rei que havia por bem confirmar o ministerio que se acha em exercicio, e que fora nomeado por El-Rei seu augusto filho, de gloriosa memoria, E, beijando os conselheiros d'estado a mão a S. M.

El-Rei Regente, se deram todos estes solemnes actos por concluidos pelas 11 horas da noite do mesmo dia 11; do que se lavrou esta acta, que assignada por S. M. El-Rei Regente e por todos os conselheiros presentes. — REI, Regente. — José Bernardo da Silva Cabral. — Antonio José d'Avila. — Visconde de Castro. — Visconde d'Algés. — João de Sousa Pinto de Magalhães. — Visconde da Carreira. — Marquez de Loulé. — Joaquim Antonio d'Aguiar. — Visconde de Sá da Bandeira.

#### PROCLAMAÇÃO

Portuguezes! Foi Deus servido chamar á sua santa gloria, hoje pelas sete horas e um quarto da noite, El-Rei o senhor D. Pedro V, meu muito amado e prezado filho. A dor que opprime o meu coração de pae é sem duvida comprehendida por este povo que perdeu no Rei, que tanto amava, o modelo de todas as virtudes.

Na urgencia das circunstancias, e conforme o voto do conselho d'estado, entro no exercicio da regencia d'estes reinos durante a curta ausencia do legitimo successor da coroa. Na conformidade da carta constitucional — Juro manter a religião catholica apostolica romana, a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino, e prover ao bem geral da nação quanto em mim couber — Juro igualmente guardar fidelidade a El-Rei o senhor D. Luiz I, meu sobre todos muito amado e prezado filho, e entregar-lhe o governo logo que chegue a estes reinos. —

Tenho resolvido que os actuaes ministros e secretarios destado continuem no exercicio de suas respectivas funcções.

Paço das Necessidades, em 11 de novembro de 1861. — REI, Regente. — Marquez de Loulé. — Alberto Antonio de Moraes Carvalho. — Antonio José d'Avila. — Visconde de Sá da Bandeira. — Carlos Bento da Silva. — Thiago Augusto Velloso de Horta.

#### Commemoração funebre.

Pedem-nos a publicação do seguinte: Mais uma frente coroada pendeu ao pó da terra!...

Morreu o senhor D. Pedro V, o Rei liberal, sabio, caridoso, e optimo pae dos filhos desditosos do pequeno e velho Portugal!... Neto do Rei soldado, que fez estallar as cadéas duras do despotismo, era Elle a estrella, que nos fulgia no ceu nuviado, que prometia tormenta e naufragio certo, se aquella nos não mostrasse um rumo feliz e o norte desejado.

Chora — o nobre, porque te honrou os teus brasões; rico, porque te guardou os teus cofres; pobre, porque te soccorria, indo visitar-te ás tristes palhas da miseria, onde teritavas de frio e fome, tractando-te com amor e caridade bem fraternal.

Mal diria o povo portuguez, que por tão poucos annos gosaria do reinado do melhor monarcha, que tanto honrou o throno do seu reino. E' bem certo «o que é bom acaba, ou faz-se acabar». Cubramos-nos ao menos de negro crepe, em signal d'um sentimento bem pungente, d'um tormento bem maguado e cheio de desconsolo. Ajudemos a supportar uma dor tão forte a seu extremo e inconsolavel pae o senhor D. Fernando.

Portuguezes, seccou o ramo mais frondoso do tronco Brigantino; poucos nos restam: queira o dedo providencial conserval-os incolumes do tufão, que nos murchou Aquelle.

Todos sentem a sua morte, porque quasi oito annos O tinham tornado bem conhecido do povo, que o amava. — Era justo, porque a balança da justiça tinha um fiel seguro na mão, que a sustentava. — Era humanitario, porque... factos, que, ao recordarem nos humedecem as palmeiras, e que todos reconhecem como verdadeiros, o podem attestar. Lisboa, na infausta crise da febre amarella, que o confesse, chegando o nosso Monarcha a percorrer os hospitaes, soccorrendo as viúvas, os orphãos &c. Era sabio, que o digam os que o ouviram, fallar d'improviso sobre qualquer ramo de sciencia. Era... agora curvou-se da terra, estancia, onde os gusanos destroem a maquina, que o espirito rege, mas que, pelo vôo ligeiro d'este ao Creador, inactiva e sem vida se torna o pó do mesmo pó! Flor, que nos aromatizava a vida com exemplos os mais balsamicos, desfolhou-a o sopro violento da dura parca! Quando nos recendia esperanças douradas, perdeu o viço, em que ellas nos sorriam; e ei-las sepultadas tambem! Restam-nos a saudade, maguado tormento (como diz o nosso Epico, e como portuguez vero, só nos consolaria verter uma lagrima, pelo que nos era tão caro na vida, e imprimir um osculo d'amor sobre a lousa, que lhe encobre os restos mortaes, e dirigir alfin supplicas ardentes ao Mysterio sempre das Alturas pelo descanço eterno do Rei ver-

dadeiramente humanitario e amigo dos portuguezes.

E' o ultimo tributo de gratidão e amor ao seu Rei, por

F. S. Janeiro.

#### NOTICIARIO

**Noticias da cõrte.** — Em parte da tiragem do nosso numero passado publicamos o seguinte telegramma:

Lisboa 12. Falleceu hontem e senhor D. Pedro V pelas 7 horas e meia da noute S. M. o senhor D. Fernando, pelo voto do conselho d'estado, assumiu a regencia durante a curta ausencia de S. M. o senhor D. Luiz I, e confirmou o ministerio.

Este telegramma, que hoje reproduzimos havia sido communicado officialmente para esta cidade. Só no dia seguinte, quarta-feira, recebemos o seguinte telegramma do nosso correspondente, o qual entrou no telegrapho ás 9 horas e cinco minutos da manhã da vespera, mas que nesse dia não foi expedido assim como nenhum outro para particulares.

Á redacção do *Districto de Aveiro*, do seu correspondente em Lisboa:

Lisboa 12, — 8 horas e 5 minutos da manhã, n.º 14766. — S. M. o senhor D. Pedro V falleceu hontem pelas 7 e 1 quarto da noite. — S. M. o senhor D. Fernando, assentindo ao voto do conselho d'estado, assumiu a regencia. — Foi confirmado o ministerio. — O senhor infante D. Augusto acaba de ser transferido para Belém.

**Demonstrações de sentimento.** — Ha dous dias que estão dobrando lugubrememente os sinos de todas as torres da cidade. De hora a hora, do campanario do edificio municipal rola a toada melancolica que vem avivar o acontecimento doloroso que cobria de luto a nação portugueza, e convidar os christãos a orar por alma d'aquelle que ainda hontem era rei, e hoje repousa na morada dos mortos!

A guarnição da cidade é feita com as armas em funeral. Todas as repartições publicas estão fechadas, com excepção d'aquellas que a lei considera fiscaes.

Quando na terça-feira se soube nesta cidade a infausta nova do fallecimento de S. M. o sr. D. Pedro V, todos os negociantes cerraram immediatamente as suas portas, em signal de luto, e assim as tem conservado até hoje. Pela rua toda a gente traja de rigoroso luto.

Em tudo se vê que a morte arrebatou a Portugal um soberano que possuia o amor de todos os seus subditos, e que é por elles chorado com verdadeira e profunda magoa.

Nenhum soberano da Europa, na actualidade, deixaria talvez, apoz de si tão viva e tão sentida saudade, como o sr. D. Pedro V!

Deploram a sua morte todas as classes sociaes, porque todas depunham nelle uma esperança, ou tinham a agradecer-lhe um beneficio.

Não quiz Deus que elle realisasse a esperança d'uns, e continuasse o beneficio aos outros! Respeitemos a vontade de Deus.

**Missas de requiem.** — Houve hontem, na igreja da Misericordia, uma missa mandada resar, por alma do sr. D. Pedro V, pela camara municipal. Assistiram as auctoridades civis, militares, os estudantes das aulas ecclesiasticas do bispado, e um grande concurso de pessoas das mais qualificadas.

Hoje mandou a mesa da Santa Casa da Misericordia resar tambem uma missa por alma de sua magestade, a que assistiram alem da mesa muitos irmãos, e bastante povo.

**Officio funebre.** — Houve hontem na Sé um officio por alma de S. A. o sr. infante D. Fernando, com missa, e todas as solemnidades do estylo, presidindo o sr. vigario geral do bispado.

**Fallecimentos reaes.** — Desde a restauração tem havido os seguintes fallecimentos na familia real: — o senhor D. Pedro, duque de Bragança; — o principe Augusto, primeiro marido da rainha, a senhora D. Maria II; — sua tia a senhora infanta D. Anna de Jesus; — a princeza Amelia; — a rainha Estephania; — o senhor infante D. Fernando; — e S. M. o senhor D. Pedro V.

**Luto no Porto.** — Lê-se no *Commercio*:

Desde hontem que a cidade do Porto apresenta um ar de tristeza e sentimento que revela a geral consternação.

Desde que o telegrapho annunciou que estavam perdidas todas as esperanças de salvar a preciosa vida do senhor D. Pedro V, a cidade tomou um aspecto triste, e muitas lojas de commercio já hontem se fecharam.

O povo sahia chorando das igrejas onde se faziam as preces, e se o fervor e sinceridade d'estas, valessem para Deus, a nação portugueza não estaria agora de luto pesado!...

Hoje, logo que o telegrapho annunciou a infaustissima noticia, começou o dobre dos sinos e o troar da artilheria, que são, por assim dizer, os eccos lamentosos da mágoa de todos!

Fecharam-se hoje espontaneamente todas as lojas de commercio, e para vestir de luto ninguém esperou que fosse decretado.

Nos consulados estrangeiros, no edificio da Bolsa, na Associação Britannica, na ponte, nos navios surtos n'este porto, etc, apparecem as demonstrações funebres do estylo, em casos semelhantes.

Fecharam-se todas as repartições.

O sentimento publico é profundissimo, Os corpos da guarnição foram ouvir missa por alma de Sua Magestade.

O povo recorda tudo o que ahi ha tão pouco tempo se passára nas festas, com que o Porto recebêra o Rei popular e amigo do paiz, para na lembrança das virtudes de tão chorado Monarcha alimentar a dôr, que todos sentem com a sua morte. Vimos por ahi lagrimas em olhos que que nunca choraram!

E não são só os nacionaes que choram, porque muitos estrangeiros tomam parte n'esta mágoa geral e dão lagrimas á boa memoria do Rei D. Pedro V.

O Porto está debaixo de uma impressão triste, que bem significa o profundissimo pesar dos seus habitantes.

Respeitando este sentimento, que tambem é o nosso, consagramos hoje esta folha exclusivamente ao objecto que a todos preoccupa.

**Autopsia.** — Os jornaes de Lisboa chegados no correio d'hoje publicam o seguinte:

*Auto de autopsia feito no cadaver de sua alteza o senhor infante D. Fernando*

Os facultativos abaixo assignados, havendo procedido ao exame do cadaver de S. A., o senhor infante D. Fernando, por occasião do embalsamamento, verificaram a existencia das seguintes alterações morbidas.

Na cavidade peritoneal achou-se um liquido sero-sanguinolento na quantidade pouco mais ou menos de um quartilho. O epiplon gastro-colico tinha adherencias com a parede anterior do ventre, e existiam adherencias similhantes entre o grande epiplon e o intestino cego. Estas adherencias eram pouco consistentes e denotavam origem recente.

O estomago e os intestinos abertos em todo o comprimento, apenas manifestaram algumas manchas vermelhas na superficie interna do duodeno e junto á valvula ileo-cecal na extremidade inferior do ileon. Os intestinos delgados continham certa porção de liquido bilioso, como o que S. A. em vida vomitava. O estomago, o figado, o baço, o apparelho urinario não manifestaram alteração alguma. Não foram igualmente encontradas alterações apreciaveis nos orgãos contidos na cavidade thoracica.

O exame da cavidade craneana manifestou a injeção de quasi toda a piamater estendendo-se mesmo pelos plexos choroideos, o que lhe dava uma apparencia rubra quasi uniforme. Não havia porém amolecimento desta membrana, nem se notava extravasação sero-albuminosa. A massa encephalica estava sã e sem adherencias anormaes com as meninges.

A vista do resultado deste exame os abaixo assignados ficaram certos de que as lesões apreciaveis, verificadas no cadaver do senhor infante D. Fernando, manifestaram a existencia de uma peritonite parcial aguda e de recente formação, acompanhada de exhalação, além de serosa, bastante sanguinea; denunciaram a de uma forte congestão das meninges, assim como a de alguns pontos ligeiramente congestionados do canal digestivo.

Estas lesões são as que se podem encontrar nos cadaveres dos individuos que succumbem ás febres graves, como foi a doença de S. A. na qual sobresairam especialmente os symptomas da congestão das meninges, e se manifestaram no ultimo periodo da enfermidade os da inflamação e hemorragia peritoneal; accidentes estes que foram na doença de S. A. o resultado da infecção miasmatica paludosa, de que tão infelizmente e por modo tão notavel, como evidente, foi atacado el-rei e mais dois membros do familia real.

Paço das Necessidades, 11 de novembro de 1861. — *Barão da Silveira — Barão Kessler — Dr. Bernardino Antonio Gomes — Dr. Francisco Antonio Barral — Manoel Carlos Teixeira Manoel José Teixeira.*

**Roubo industrial.** — Em uma das noites passadas, diz a *Revolução* commetteu-se um em uma hospedaria de Lisboa, do qual tomou conhecimento o governo civil.

Seriam dez horas da noite quando se apresentaram dois cavalheiros na hospedaria, pedindo um quarto.

Elles entraram com um individuo que ia procurar um hospede, fazendo suppôr que

eram seus conhecidos. Puzeram as malas no quarto que escolheram no segundo andar do estabelecimento, e resolveram tomar chá.

Os homens iam dispostos a lançar mão ao mais que fosse possível, o creado que não conhecia as sinistras intenções dos novos hospedes, não poude deixar de admirar-se quando viu depois do chá o assucareiro sem a colher de prata.

Os cavalheiros recolheram ao quarto, e pouco depois um delles veio a baixo para trocar uma nota de vinte mil réis que mostrou, a fim de pagar dois mil réis ao portador de alguns objectos. Por delicadeza não lhe trocaram a nota, e emprestaram-lhe aquella quantia.

No dia seguinte ás 11 horas da manhã quando o creado os foi chamar para o almoço, já os não achou. Com elles tinha desaparecido os relajos e o melhor facto dos hospedes dos quartos contiguos, e até os cobertores e os lençoes das camas que se tinham feito para os dois.

Um official do governo civil, pelos signaes que lhe deram, diz conhecer um dos taes cavalheiros, pessoa muito suspeita por viver em Lisboa, fazendo largas despesas, sem que ninguém advinhe porque meios mysteriosos lhe possa vir o dinheiro.

E' de crer pois que seja agora descoberto o mysterio desta vida.

**Navio queimado.** — No dia 13 de outubro, pela manhã, diz a *Epoca*, recolheram-se ao porto de Pernambuco 4 escaleres da galera norte americana *Stag Hound*, conduzindo o capitão W. H. Wilson e mais 31 pessoas que compunham o total da equipagem do referido navio de lote de 1834 toneladas, no qual em viagem de Inglaterra para a California, pegou fogo na madrugada do dia 11 daquelle mez a cincoenta e cinco milhas ao sul do porto de Pernambuco.

O fogo, que naturalmente lavrava ha mais tempo, declarou-se formalmente á meia noite do dia 11, e ás 5 horas da manhã de 12 já as chammas haviam queimado a maior parte do navio da agua para cima, porque, segundo nos informam, o capitão Wilson presenciou a queda dos masts, tendo-se conservado atracado até esse momento.

A equipagem teve apenas tempo para salvar a parte da roupa que se achava nos bahus e caixas.

## CORREIO

### LISBOA 10 DE NOVEMBRO

(Do nosso correspondente.)

Pela participação telegraphica, que lhe enviei hontem pelas oito horas da manhã, já deve ter noticia do infausto acontecimento da morte de S. M. o sr. D. Pedro V.

El-rei falleceu em 11 do corrente pelas sete horas e um quarto da noite. A consternação é geral, e unanime o sentimento em toda a capital por tão inesperada perda.

Quando na cidade se espalhou a noticia do perigo que corria a vida do infeliz principe, augmentou consideravelmente a concorrência das pessoas que se dirigiam ao paço das Necessidades a saber novas delle. No domingo e na segunda-feira até depois de noite continuou a mesma affluencia, a ponto de que ficaram cheias as folhas d'um livro com mais de vinte mil assignaturas.

Ao paço concorreram pessoas de todas as condições, ainda as mais humildes. Entre ellas, havendo muitas que não sabiam escrever, assignaram de cruz, e pediam para lhe tomarem os nomes.

As demonstrações de cuidado e sollicitude dos cidadãos pelo soberano em quanto esteve vivo, estão a par das provas de saudade que hoje se manifestam, depois que houve conhecimento de haver fallecido. Os habitantes appareceram de luto, antes mesmo de ser publicado o decreto que o manda tomar por seis mezes, e as portas de todas as lojas e casas de venda estão cerradas.

Logo em seguida á morte d'el-rei reuniu-se o conselho d'estado, convidado pelo ministerio para tratar da questão da regencia. Depois d'uma demorada discussão, resolveu o conselho que, não estando este caso providenciado na Carta, fosse offerecida a regencia a el-rei o sr. D. Fernando. S.M. accitou-a, prestando nessa occasião o juramento determinado em taes circumstancias, e assignando a proclamação que vem publicada no *Diario* de hontem.

Naquelle folha foi transcripta a acta do conselho de estado, a referida proclamação, e bem assim a autopsia feita no cadaver do sr. D. Fernando.

A publicação daquelle documento, ao qual vae seguir-se brevemente a da autopsia do cadaver d'el-rei, é uma resolução acertada por parte do governo, que deste modo procura desvanecer as supposições que se espalharam por entre o povo de que os principes tinham sido envenenados durante a sua viagem ao Alemejo.

Estes boatos injustificados chegaram, infelizmente, a tomar vulto. O governo tomou, como lhe cumpria, todas as providencias pa-

ra prevenir qualquer eventualidade. Nestas circumstancias, um conflicto popular podia comprometter o paiz gravemente, e trazer sobre elle funestas complicações.

A imprensa, nesta conjunctura difficil, tomou a attitudo que o caso estava pedindo, e a verdade exigia. Por semelhante modo prestou um bom serviço ao paiz, sendo muito para louvar a espontaneidade e unanimidade com que tomou sobre si o encargo de esclarecer a opinião publica, ou antes de advertir uma parte della que falsos boatos tinham desviado.

O facto de ter sido entregue a regencia ao sr. D. Fernando tem sido muito bem recebido. Continua o mesmo ministerio. Todos esperam que o novo rei não procederá a nomear outros ministros, seguindo assim os precedentes de que lhe deram exemplo seu augusto pae, por occasião do fallecimento da rainha a sr.ª D. Maria II, e seu augusto irmão, quando assumiu o governo destes reinos.

No Supplemento ao *Diario* de hontem foi publicada a portaria que manda tomar lucto por seis mezes, e bem assim a outra portaria sobre as ceremonias funebres.

O enterramento tem logar no sabbado, 16 do corrente.

O sr. infante D. Augusto foi transferido no domingo á noite do paço das Necessidades para o palacio de Belem. S. A. está muito mal inda, mas experimenta algumas melhoras, e ha toda a esperanza de o salvar.

A autopsia do cadaver d'el-rei havia de verificar-se hoje pelas 10 horas da manhã. Os facultativos assistentes convidaram alguns medicos e chimicos para assistirem e tomarem parte naquelle acto.

Hontem á noite foram ficar dois dos ministros ao palacio de Belem, a fim de poderem immediatamente receber o novo monarcha, se chegasse hontem.

S. M. e seu augusto irmão são esperados hoje. Sem de passagem no vapor *Oneida*, da companhia ingleza transatlantica.

Em Compiègne estavam preparadas magnificas festas em honra dos principes portuguezes; mas as noticias telegraphicas que se receberam de Lisboa os obrigaram a partir sem demora. Por parte do imperador dos francezes foi-lhes offerecido o vapor de guerra *Reine de Hortense*, que os principes não accitaram, julgando que já estivesse prompta a corveta *Bartholomeu Dias*. Mas não o estava, e por isso tomaram logar no vapor *Oneida*, que sahiu de Southampton no dia 9, e é esperado hoje.

A imprensa da capital, as sociedades artisticas, e as associações populares deliberaram tomar no cortejo funebre. É a ultima homenagem que podem render ao principe esclarecido e liberal, cuja morte prematura todo o paiz deplora.

A politica ensarilhou armas diante do infausto acontecimento. Entretanto, confessam todos que a situação é grave, e são geraes os votos pela prosperidade do novo reinado.

Não ha despacho nas repartições publicas, á excepção das fiscaes, por espaço de 8 dias, e os theatros estarão fechados durante 15, a contar daquelle em que el-rei falleceu.

No domingo aportaram a Lisboa os dois unicos tripulantes que escaparam do desastre do brigue *Conde*. Um golpe de mar levou o capitão e alguns marinheiros, salvando-se unicamente os dois de que fallo, e que foram recolhidos por uma escuna ingleza que vinha de Demerara.

Foram hontem julgados no tribunal da Boa Hora, primeiro districto criminal, as hespanholas Catharina Sanches e Benita Pulito. São estas as famosas ladras, que mereceram pelas suas industriosas gentilezas serem conduzidas ao Limoeiro ha alguns mezes.

O jury deu por provados sete dos factos criminosos de que eram accusadas, com circumstancias aggravantes de aleivosia, e accumulção de crimes.

Á vista da decisão do jury, o juiz condemnou a primeira em 4 annos de degredo para a Costa d'África, e a segunda em 3 para o mesmo local, com o augmento da pena de prisão por espaço de 6 mezes.

Foi juiz o sr. Vasconcellos, delegado do ministerio publico o sr. Ferraz, e advogado das rés o sr. Augusto Godinho.

As duas heroínas conservaram na audiencia a maior presença de espirito.

Já está impressa a oração funebre, recitada pelo sr. padre Castello-Branco, por occasião das exequias por alma do conde de Cavour.

## ANNUNCIOS

**Alguns particulares mandam, Amanhã 16 pelas 10 horas do dia, rezar, na Igreja de Jesus, uma missa por alma de S. M. El-rei o sr. D. Pedro V. Pede-se a assistencia das pessoas que qui-**

**zerem concorrer a este piedoso acto.**

No dia 17 do corrente ás dez horas da manhã, nas salas do tribunal se hão de arrematar — uma morada de casas terreas na rua do Outão; em Esgueira, que partem do norte com Manoel José Matheus, e do poente com Ludovina Maria de Jesus; avaliadas em 20:000 reis; outra casa na mesma rua, que parte do norte com Manoel Duarte, e poente com herdeiros de Antonio da Cunha, avaliada em 14:400 reis, por execução de João dos Santos Quaresma e Ludovina Maria, contra o referido Manoel José Matheus, d'Esgueira—escrivão; Leite Ribeiro.

Pelo cartorio do escrivão—Gusmão — a requerimento do reverendo padre Antonio Francisco Estima, prior da fre guezia de Eiról — correm edictos de 30 dias a contar do dia 19 de outubro findo — a citar o reu Antonio Dias Coelho, da extincta villa de Eixo, para na segunda audiencia deste juizo de direito, depois findo de aquelle termo, vir fallar ao libello de divida, que lhe move o mesmo prior, e deduzir o seu direito, — sob pena de revelia.

O escrivão, João Antonio de Moraes, mudou a sua residencia e cartorio para o Alto da rua Larga, para as casas do Ill.º morgado de Villarinho.

 Vendem-se umas casas com seu pomar de laranjeiras, e mais pertencas, sitas na rua da Corredoira da villa de Vagos. Quem as pretender comprar dirija-se a D. Maria Emilia Ferreira, recolhida no convento de Sá desta cidade de Aveiro.

A annunciante não duvida deixar em poder do comprador a quantia por que vender, pagando este o juro da lei.

## PARA O RIO DE JANEIRO

 Vae sahir com muita brevidade  
A VELEIRA BARCA  
DE 1.ª CLASSE

**NOVO TENTADOR.**  
Recebe carga e passageiros a pagar neste ou naquelle porto. Tem bellos e superiores commodos e tractamento.

Tracta-se com **EDUARDO DA COSTA CORREIA LEITE**, á rua de S. João Novo n.º II, no Porto.

Consignatario em Aveiro, Bento de Magalhães.

RESPONSÁVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pinental.  
Typographia do Districto de Aveiro.